

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i2.40210>

## Vida de árvore

**Maurício Fontana Filho**

Fundación Barceló

Sim, sou uma árvore. Minhas folhas servem para sujar quintais. Minha seiva é usada para criar preservativos. Minhas raízes alimentam veganos preguiçosos que não sabem cozinhar. Produzo oxigênio sem saber como ou por quê. De noite, corujas habitam meus interiores. Também outros animaizinhos devem achar que são bem-vindos dentro de mim. Não são. Já brincaram com suas entranhas? Ainda assim, sofro de solidão.

Isolada. Não tenho com quem relacionar-me. Não sou odiosa, como aquelas árvores com corpos pendurados. Sinto-me apenas despida de proximidade. O contato é raro. Infrequente. Por vezes, inexistente. Estou postada muito acima. Vejo a todos de lá. Logo serei do tamanho de uma montanha. Uma árvore-montanha. Com chicletes na colina.

Sim, sou um pé de laranjas. Meus frutos não são laranjas, e sim chicletes. Eu dou chicletes. Ninguém reclama. Eu dou chicletes, já disse. Todos gostam de chicletes, menos o Caio. Eu queria crescer ainda mais, ficar grande e forte, mas não tinha muito o que comer por aqui. Havia brócolis, que eu não gostava. O Brócolis fingia que não se importava, mas, para falar a verdade, ele se sentia triste por isso. Entendia por que não agradava aos outros, só não gostava disso. Ele era verde demais para ser apreciado. Muito cheio de raminhos. Tinha uma coroa estúpida que o fazia parecer esnobe. Além disso, se o mordessem, não seria apazível ao paladar – Mas sou nutritivo! Tenho fibras! – Ele bradava. Ninguém se importa com o nutritivo. Fibra é comida de gente velha. E gente velha não tem escolha, então come fibra.

Sentia-me desanimada por saber que nunca seria grande e forte. Era docinha, uma mistura de framboesa com óleo de motor, é verdade, mas quem é que já ficou grande e forte por ser docinha? Nem minha existência faz sentido. Qual é a lógica de um pé de laranjas que dê chicletes? Por que o pé não pode ser de laranjas e dar laranjas? Ou ser de chicletes e dar chicletes? Quem criou essa aberração? O sr. Chiclete transou com a sra. Laranja? O sr. Laranja penetrou a sra. Chiclete? Sou um ser que não faz sentido algum. Mesmo assim, ninguém reclama de mim. Nem me notam. Mais uma árvore em meio a tantas outras. Olham-me e já creem saber quem sou, o que quero, de onde venho.



O tempo todo só. Tão só existo. Sem poder tocar em nada ou ninguém. À espera de contato. À espera de ser afetada por qualquer coisa. Não é fácil ser árvore, solitária, sempre esperando, incapaz de praticar ações, apenas sofrendo-as. Sinto estar meramente observando a vida passar sem jamais vivê-la. Estagnada. Suspensa num estado de espera. Seguindo a correnteza das circunstâncias que me circundam.

Ao menos há um cemitério próximo. Quando já bem tarde, nem tão tarde assim, mas no meu mundo até que bem tarde, começam os velórios. Velórios de quem? Nem sei. São todos parecidos esses caios. Uns mais altos, outros menos, uns pequenos, outros alongados. Não podia estender os galhos em condolências pela perda de alguém, alguém ali, que se foi para sempre. Alguém que tinha sonhos e já não têm mais. Possuo galhos, e não braços, ou membros, ou garras, ou filamentos, ou membranas, ou asas, ou tentáculos, ou patas. Talvez possua mãos, basta averiguar; e não, não possuo mãos também. Achei que estavam aqui. Era só um esquilo.

Fico imaginando se sabem que, após enterrados, os mortos terão seus fluidos absorvidos por mim. Já tenho a força de uma árvore crescida somada a de centenas de defuntos. “Tornar-me-ei forte”, pensava. Seria-me agradável oferecer condolências aos queridos do morto. Creio que baste entregar um embrulhinho com conteúdo aleatório. Um abraço? Não com esses galhos pontiagudos. Rígidos. Gélidos. Ásperos. Onde já se viu uma árvore abraçando? Árvores permanecem estanques. Sozinhas.

Há poucos metros existe um moinho. Ele fica girando e girando, fazendo vento. Eu pensava e ele girava; não compreendia o que eu sentia. O pior era que se tratava de um moinho nazista, vestido com suástica e tudo. Vez por outra, inclinava-se inteiro em saudação. Não parecia interessado em fazer nada além de disseminar sua ideologia a outros moinhos também nazistas. Pareceu-me um tipo sério. Obstinado.

Havia uma pá que usavam nos enterros. Difícil saber o que dizia. Só falava italiano. À noite, ou qualquer outro horário do dia, eu acompanhava enquanto ela era usada para abrir as covas. Enxergava-a de onde eu estava enterrada. Sou uma árvore. Vivo enterrada. Sempre no mesmo lugar. Imóvel. Às vezes, caem chicletes, só. A pá acompanhava os velórios. Que foi? Ela ia até lá, correndo. Sim, pás correm e são muito boas nisso, a propósito. Você deveria ler mais; se o fizesse, não ficaria com essa cara de bobo aí como se fosse grande coisa uma ferramenta se movimentando. Deve perguntar-se: – Certo, mas como ela corre? E para isso eu respondo: –Ninguém se importa como ela corre. Talvez ela voe, flutue ou rasteje. Vá cuidar da sua vida! Sou uma árvore de laranjas onde crescem chicletes e o estranho é a ferramenta que corre?

Quem usa a pá é o Caio. Tem seu nome talhado na blusa. Usa a mesma todo dia. Ele não gosta de chicletes. Nem de mim. Sei disso porque já urinou nos meus entornos por diversas ocasiões. Nem por isso parece feliz. Se ao menos pudesse expressar o ultraje, mas não posso. Permaneço em silêncio. Com ar de reprovação. Tenho certeza de que ele nota como desaprovo o que faz. Apenas escolhe ignorar-me. Como tantos outros. Não é que não possa falar. Não consigo.

Geralmente, os mortos são velados à meia-noite, ou qualquer outro horário do dia, não entendo de horários. Por vezes, é escuro ou claro. Por vezes, frio ou quente. Deram

nome para isso? Após a assimilação do não-mais-vivo, sinto-me como a rainha do cemitério. “Todos encolher-se-ão em face de minha maestria”, pensava. Metade árvore, metade morto, e outra metade chiclete, mais outra angústia e desespero. Eu salivava pensando nas secreções a serem assimiladas. Muitas fibras consumidas. Fibras de gente velha. Guardadas em veias e artérias idosas. Anos comendo barrinha de cereal com remédio. Granola com remédio. Sopa de fibra, com remédio.

E tudo mudou de repente. Fui vendida a um campinho. Pior. Não sei o que aconteceu com meu cemitério. Era um campinho, ou, pelo menos, é isso que me parece. Tinha uma cabana, um campo e três caios que gostavam de chicletes. Sou a rainha do campinho. Ajoelhem-se e ofereçam lealdade a mim, súditos inferiores! Submissão minha excelência exige! Deve ser por isso que estão aqui. Meus escravos-caios. Foram embora. Como ousam retirar-se sem pedir licença? Puni-los-ei por tal desavença! Permaneci plantada e sem súditos por horas, talvez anos, não sei o horário.

Eles voltaram. Seus rostos eram parecidos. Típicos caios, com mãos cheias de uma espécie esquisita de tentáculo marinho. Eram sujos. Corpos cobertos de uma gordura nojenta. Cheiravam a resto de fezes e suor. Tomaram meus chicletes com brutalidade. Como ousam assim agir? Se bem que um deles tocou meus ramos com a sutileza de um amante. Arranque-me deste lodaçal e embrenhar-nos-emos pelo campinho, meu torpe súdito! Chupe minha seiva profana! Tome-me em seus braços impuros! Arranhe meu caule com essas garras depravadas, nefasta criatura! Bata em meus galhos como se eu fosse uma prostituta descarada! Foram embora. Isso segue acontecendo. Tomaram meus chicletes e partiram. Como ousam usar-me com tamanha selvageria e deixar-me assim, a esmo? Malditos primatas nojentos e sedutores.

Não é o coito. É o contato que me estimula. É a proximidade. Nada de moinhos ou pás por aqui. Nem o Caio, com seu jeito desengonçado, vestes rasgadas, olhar cansado. Somente cópias sorridentes e desdentadas dele. Ao menos fiz uma amiga. Ela é uma bergamota. Não gostei dela. Seu sotaque é ridículo. Parece estar apodrecendo. Logo será comida de árvore. Tesão solitário é o que me domina. Beiro a demência. Em uma busca que não cessa por satisfação. De minha alma? De qualquer parte. Pode ser da alma, sim, ou das folhas, pode até ser daquela parte marrom que a árvore tem. Árvores têm alma. E partes marrons.

Os dias passam com tanta rapidez por aqui, ou lentidão, não sei o horário. Tem dias que caem do céu pequenos pedaços de lagoa; em outros, sopra um bafo invisível, sei lá quem faz isso. Não consigo parar de pensar nos desafetos que deixei de fazer onde estava plantada. Aqui os dias passam muito depressa, ou devagar, e nada acontece por longos ou curtos períodos. Caios pequenos saem da fábrica de caios e tiram meus chicletes às gargalhadas, sob meus gritos: – Me possua! Me possua! Não adianta, acho que eles não falam meu idioma de árvore sexy.

*Recebido em 21-02-2023*

*Aceito para publicação em 30-05-2024*

*Maurício Fontana Filho*

 <https://orcid.org/0000-0003-1347-8903>

 <http://lattes.cnpq.br/2269687841952269>

Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo. Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Graduando em Medicina pela Fundación Barceló, Argentina. E-mail [mauricio442008@hotmail.com](mailto:mauricio442008@hotmail.com)